

NOTA INTRODUTÓRIA: INVISIBILIDADES NO E DO JORNALISMO

INTRODUCTORY NOTE: INVISIBILITIES IN AND OF JOURNALISM

Rita Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Pedro Jerónimo

LabCom - Laboratório de Comunicação, Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

Thomas Hanitzsch

Department of Communication Studies and Media Research, LMU Munich, Munich, Alemanha

O jornalismo é central para a sociedade e para a forma como “vemos o mundo, a nós próprios e aos outros” (Wahl-Jorgensen & Hanitzsch, 2009, p. 3), para além de ser essencial nos processos de tomada de decisão e no exercício do poder. Ao definir a agenda, os jornalistas influenciam o debate público e privado; determinam que assuntos são (mais) importantes e em quais o público deve pensar. Assim, o jornalismo desempenha um papel central nas sociedades democráticas. De facto, a relação intrínseca entre o jornalismo e a democracia tem sido extensivamente documentada (e.g., Deuze, 2009; Kovach & Rosenstiel, 2003/2004; Singer, 2003; Zelizer, 2012) e contribui para a importância de estudar o jornalismo e os jornalistas, bem como as realidades que tornam visíveis e, por extensão, invisíveis. Ao mesmo tempo, as conceções normativas do jornalismo vão além das noções de democracia. Por exemplo, o ideal da objetividade e a correspondente visão normativa do jornalismo requerem que os jornalistas não sejam, eles próprios, notícia. Entende-se que é pouco profissional falar sobre si próprio ou sobre os problemas da profissão, pois pode comprometer o distanciamento e a objetividade dos jornalistas. Com efeito, tradicionalmente, os jornalistas têm poupado a indústria das notícias ao escrutínio a que outras áreas estão sujeitas (Mesquita, 2003). Ainda assim, a atual crise no setor dos média alertou para a difícil realidade que caracteriza o jornalismo globalmente, e temas como a precariedade, relações de emprego atípicas, violência e abuso contra profissionais dos média, e outros, estão gradualmente a tornar-se notícia. Deste modo, há um crescente número de investigações que explora a precariedade nos estudos de jornalismo (e.g., Araújo, 2025; Cohen et al., 2019; Ekdale et al., 2015; Gollmitzer, 2014; Örnebring, 2018; Rick, 2025; Ricketson et al., 2020; Sybert, 2023). Tudo isto indica que a precariedade se tornou uma característica da prática jornalística contemporânea. Para além disso, o que antes se limitava a violência online está agora a escalar para ataques offline, frequentemente sob a forma de assédio. O mais recente relatório do projeto Worlds of Journalism sublinha esta realidade, com as ameaças

psicológicas a serem as mais reportadas pelos jornalistas inquiridos, seguidas da vigilância digital e da ameaça física de estarem expostos à COVID-19 (Slavtcheva-Petkova et al., 2025). Este tipo de comportamentos maliciosos atinge as mulheres jornalistas e os grupos minoritários desproporcionalmente em relação aos homens (e.g., Chen et al., 2020; Holton et al., 2023; Miller & Lewis, 2022). Para além disso, o assédio e outras formas de abuso podem contribuir para “enfraquecer o jornalismo enquanto instituição e, em última análise, silenciar os jornalistas de forma individual” (Miller & Lewis, 2022, p. 80).

Embora “estudar o jornalismo sem qualquer tipo de viés etnocêntrico seja uma impossibilidade epistemológica” (Hanitzsch, 2019, p. 214), a investigação em estudos de jornalismo deve ter em conta a diversidade e o pluralismo, evitando desequilíbrios de género ou de localização geográfica, entre outros. No entanto, este nem sempre é o caso. Um conjunto crescente de estudos reconhece a existência de assimetrias de longa duração na produção de conhecimento no campo dos estudos de jornalismo, com o Norte Global a receber vasta atenção quando comparado com o Sul Global (e.g., Goyanes & Demeter, 2020; Hanusch & Vos, 2020; Jerónimo & Torre, 2025). No que concerne ao estudo da precariedade no jornalismo, por exemplo, há diferenças significativas entre o Norte Global e o Sul Global. Neste último, as condições de instabilidade são frequentes, com a precariedade associada a desafios na prática profissional, como a autocensura ou os efeitos do colonialismo que ainda estão presentes no sistema mediático (e.g., Matthews & Onyemaobi, 2020). Também há diferenças notórias quando o tema é a violência. Embora a violência contra jornalistas fosse estudada no Sul Global, uma vez que, tipicamente, era associada a zonas de guerra e regimes autoritários, a investigação está cada vez mais a olhar para a violência em democracias consolidadas, como na Europa Ocidental e nos Estados Unidos (e.g., Adams, 2018; Araújo, 2024; Chen et al., 2020; Ivask et al., 2023; Miller, 2023; Miller & Lewis, 2022; Miranda et al., 2023; Waisbord, 2022). Ainda assim, e apesar de a segurança ser um problema global, jornalistas em zonas diferentes do globo estão sujeitos a formas distintas de violência e múltiplas consequências (Waisbord, 2022). Deste modo, tanto as modalidades como a intensidade da violência e as estratégias usadas para mitigar os seus efeitos refletem “disparidades estruturais e sistémicas persistentes no ambiente mediático” (Slavtcheva-Petkova et al., 2025, p. 18).

Contudo, as disparidades incluem não só a investigação centrada no Norte/Sul Global, mas também questões de autoria. Hanusch e Vos (2020), que conduziram uma revisão sistemática de todos os estudos comparativos de jornalismo publicados em 22 revistas científicas centrais entre 2000 e 2015 (N = 441), sublinham que, no que toca à autoria, ainda há uma concentração de poder no mundo ocidental. Embora os autores não-ocidentais e as mulheres estejam a aumentar em número, “a autoria ainda é consideravelmente mais masculina do que feminina, e mais ocidental do que não-ocidental” (Hanusch & Vos, 2020, p. 337). Isto impacta não só as taxas de citação, que são mais masculinas e ocidentais, mas também as características das publicações: há mais estudos comparativos focados no mundo ocidental, especialmente nos Estados Unidos ou no Reino Unido (Hanusch & Vos, 2020).

As invisibilidades na autoria começam a montante do processo de publicação, e alguns autores relacionam a (falta de) diversidade geográfica da investigação publicada com a diversidade geográfica das equipas editoriais das revistas. Goyanes e Demeter (2020) fizeram uma análise de conteúdo de revistas listadas no Journal Citation Report (N = 84), que mostra que corpos editoriais diversos têm maior probabilidade de publicar mais artigos diversos, baseado no país de origem do primeiro autor e no sítio onde os dados foram recolhidos. A mesma pesquisa sublinha o poder da academia ocidental, com os corpos editoriais a serem maioritariamente compostos por académicos dos Estados Unidos e da Europa ocidental. Assim, o seu papel enquanto “gatekeepers do conhecimento” é baseado em “entendimentos ocidentais da ciência” (Goyanes & Demeter, 2020, p. 1140), por oposição às quase invisíveis regiões periféricas do Sul Global que não têm poder para “desafiar ou modificar teorias existentes e abordagens de investigação na comunicação” (Goyanes & Demeter, 2020, p. 1141). Partindo do pressuposto de que as edições especiais podem ser uma resposta à questão das disparidades geográficas na produção de conhecimento, Ekdale et al. (2022) também conduziram uma análise de conteúdo de mais de 4.000 artigos publicados em cinco revistas de estudos de jornalismo altamente qualificadas. Os seus resultados indicam que os números especiais com foco geográfico no Sul Global e com perspetivas globais levam a uma maior diversidade geográfica na autoria. Contudo, são raros e têm menor impacto bibliométrico.

Tendo em conta este contexto, neste volume quisemos não só entender o que a investigação sobre jornalismo *torna visível*, mas sobretudo o que a investigação sobre jornalismo *mantém invisível*. Recebemos 53 propostas para esta edição temática, o que comprova a importância de olhar para as invisibilidades no e do jornalismo. Dessas, 46 submissões foram rejeitadas (27 foram rejeitadas administrativamente e outras 19 foram rejeitadas após revisão por pares). Este número é composto por sete artigos originais assinados por um grupo diverso de autores, representando várias instituições em múltiplas localizações geográficas (como Portugal, Espanha, Bélgica, Letónia e Brasil) e focando-se em diferentes aspetos da invisibilidade.

O primeiro artigo publicado neste volume centra-se no contexto brasileiro. A autora propõe o conceito de “jornalismo de influência regional”, baseado em práticas jornalísticas em cidades brasileiras de média dimensão, não metropolitanas, situadas no interior dos estados. Este termo refere-se a um tipo de jornalismo que difere do jornalismo local, regional ou comunitário. “Jornalismo de Influência Regional: Uma Proposta Para as Cidades Médias Brasileiras” é assinado por Thays Assunção Reis, que seguiu uma abordagem metodológica mista composta por um mapeamento de meios de comunicação, entrevistas semiestruturadas com jornalistas, um inquérito por questionário com utilizadores dos média e uma análise de conteúdo das notícias. Os resultados apontam para a existência de uma forma de jornalismo caracterizada pela produção simultânea de notícias locais e regionais, que vai além da localização imediata e se estende a uma área mais vasta de influência. Para além disso, a cobertura mediática é mediada pela procura e pelas preocupações das pequenas comunidades próximas, uma vez que

produz informação local destinada ao consumo regional, enquanto também intermedia os fluxos informativos com origem noutros centros urbanos.

A seguir, Liliana Carona e Rita Basílio de Simões fazem um mapeamento da imprensa regional centenária em Portugal como uma “expressão resiliente do jornalismo de proximidade” (p. 1). No seu texto “Invisível e Vulnerável, mas Resiliente: Um Retrato da Imprensa Regional Centenária em Portugal”, as autoras seguem uma abordagem metodológica mista que combina a análise documental e um inquérito quantitativo. Através da análise de 40 publicações centenárias ainda ativas, Carona e Simões sublinham que a imprensa regional centenária tem uma âncora territorial forte que revela assimetrias regionais e outros padrões preocupantes, como uma transição digital frágil, diversidade de género limitada em posições de liderança e uma precariedade persistente. Os resultados também apontam para o papel relevante destes jornais na preservação da memória coletiva, fomentando a coesão social e fortalecendo a democracia local. Contribuem para a literatura que reconhece o jornalismo como um valor público, especialmente no desafiante contexto nacional e internacional, caracterizado pela crescente precariedade da profissão e pelo aumento (preocupante) dos desertos de notícias. Este é um de dois artigos centrados no contexto português que exploram o jornalismo de proximidade e/ou comunitário.

No estudo seguinte, Miguel Midões olha para as “Comunidades Invisíveis: Vozes Minoritárias no Jornalismo Profissional Alavancadas Pelo Jornalismo Comunitário em Rádios Alternativas”. O autor conduz uma análise qualitativa de quatro rádios comunitárias portuguesas (Rádio Sintoniza-T, Rádio Ophelia, Rádio Freguesia de Belém, e *Rádio Antecâmara*), exclusivamente online, sem fins lucrativos, e geridas por voluntários. Os resultados mostram que a participação da comunidade continua a ser um desafio e que as estações de rádio não têm regularidade nos noticiários e na produção de notícias, o que pode ser explicado pela sua existência relativamente curta. Ainda assim, Midões sublinha o seu potencial em oferecer modelos estruturados de jornalismo alternativo, cidadão e comunitário que vão ao encontro das necessidades informativas das suas comunidades.

A seguir, Anda Rožukalne, Alnis Stakle e Ilva Skulte exploram a segurança dos jornalistas na Letónia. No seu artigo “Entre a Inércia Institucional e a Vulnerabilidade Sistémica: Compreender as Ameaças Invisíveis à Segurança dos Jornalistas”, os autores apresentam o seu estudo sobre as perceções dos profissionais de média letões relativamente a questões de segurança relacionadas com o trabalho e mecanismos de enfrentamento. Através de uma abordagem metodológica mista, que junta revisão da literatura, um painel de Delphi composto por duas rondas de questionários, entrevistas semiestruturadas, estudos de caso de decisões judiciais e grupos focais, este artigo destaca uma realidade preocupante onde um ambiente de ameaça coexiste com estruturas de apoio limitadas. Deste modo, emerge a *invisibilidade de grupo* (que afeta as mulheres, repórteres regionais, jornalistas falantes de Russo e *freelancers*) e *preocupações de invisibilidade* (que levam à normalização ou desconsideração das ameaças). A investigação de Rožukalne e colegas contribui para o crescente número de estudos que explora a (falta de) segurança dos jornalistas em países ocidentais, na sequência de questões como a ascensão de movimentos populistas e a disseminação de desinformação.

O quinto artigo apresenta a investigação de Louazon na Bélgica, na qual analisa “Os Custos Invisíveis de Trabalhar a ‘Diversidade’ Para Jornalistas Minorizados”. Partindo da premissa de que jornalistas “diversos” produziram mais conteúdo “relacionado com diversidade”, a autora conduziu entrevistas semiestruturadas (N = 61) com jornalistas LGBT e racializados a trabalhar na região da Bélgica onde se fala francês. Os resultados mostram que os jornalistas minorizados sentem ter uma influência limitada no conteúdo da redação, devido a rotinas profissionais profundamente enraizadas (que incluem barreiras sistémicas como seleção editorial, priorização da audiência dominante e classificação dos seus assuntos como *soft news*) e vieses ideológicos (sobretudo manifestados através da presunção de ativismo e na consequente acusação de que lhes falta neutralidade ou objetividade). Os seus esforços para melhorar a representatividade resultam em trabalho não pago, não reconhecido e invisível; e enfrentam riscos profissionais por se envolverem em trabalho relacionado com diversidade, o que reforça a precariedade já existente.

De seguida, Ana María Zafra Arroyo analisa a “Evolução da Representação Fotográfica das Mulheres nas Primeiras Páginas da Imprensa Espanhola (1977–1997): Uma Análise Comparativa do *ABC* e do *El País*”. Através de uma análise de conteúdo visual, os resultados indicam que, em termos de presença nas primeiras páginas desses jornais diários, as mulheres constituem uma minoria quando comparadas com os homens. A autora refere que o *ABC* reforça papéis tradicionais de género ao representar as mulheres como elementos “decorativos”, enquanto o *El País* sublinha a presença política e de trabalho das mulheres, apesar de frequentemente colocar a tónica na vitimização. Zafra Arroyo aponta para uma narrativa visual de género na imprensa, destacando a persistência de estereótipos visuais.

Por fim, o último artigo explora as experiências dos jornalistas sámi que cobrem violência sexual na região Sápmi, partilhada por quatro países (Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia) e habitada pelo povo sámi. No artigo intitulado “‘Não Se Pode Guardar em Algodão, Nem Embalar em Seda’: Experiências de Jornalistas Sámi na Cobertura de Violência Sexual”, Svea Vikander identifica os desafios dos jornalistas na cobertura de violência sexual, através de entrevistas com jornalistas sámi (N = 9) e de uma análise de notícias (N = 30), com base numa análise situacional. Os resultados mostram que os entrevistados experienciam um ambiente de trabalho hostil e grande desconforto, que advém da perspectiva de encontrar os sujeitos da sua cobertura. A cobertura noticiosa torna-se “demasiado próxima de casa”, o que leva a tensões internas que são difíceis de nomear nos enquadramentos ocidentais de medo e trauma. As conclusões apontam para uma necessidade de se estudar as vidas complexas internas e relacionais dos jornalistas indígenas, mostrando um grupo de jornalistas frequentemente invisível na literatura.

Tradução: Rita Araújo

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado no âmbito do financiamento plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2025-2029, referência UID/00736/2025, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

REFERÊNCIAS

- Adams, C. (2018). "They go for gender first": The nature and effect of sexist abuse of female technology journalists. *Journalism Practice*, 12(7), 850–869. <https://doi.org/10.1080/17512786.2017.1350115>
- Araújo, R. (2024). Who wants to be a journalist? Journalists' exposure to violence on the job. *Journalism Practice*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/17512786.2024.2433633>
- Araújo, R. (2025). Insulted and outraged: How do Portuguese journalists experience precarity. *Journalism*. Publicação online antecipada. <https://doi.org/10.1177/14648849251314786>
- Chen, G. M., Pain, P., Chen, V. Y., Mekelburg, M., Springer, N., & Troger, F. (2020). 'You really have to have a thick skin': A cross-cultural perspective on how online harassment influences female journalists. *Journalism*, 21(7), 877–895. <https://doi.org/10.1177/1464884918768500>
- Cohen, N. S., Hunter, A., & O'Donnell, P. (2019). Bearing the burden of corporate restructuring: Job loss and precarious employment in Canadian journalism. *Journalism Practice*, 13(7), 817–833. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1571937>
- Deuze, M. (2009). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442–464. <https://doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Ekdale, B., Rinaldi, A., Khanjani, M., Matanji, F., & Stoldt, R. (2022). Geographic disparities in knowledge production: A big data analysis of peer-reviewed communication publications from 1990 to 2019. *International Journal of Communication*, 16, 2498–2525.
- Ekdale, B., Tully, M., Harmsen, S., & Singer, J. B. (2015). Newswork within a culture of job insecurity. *Journalism Practice*, 9(3), 383–398. <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.963376>
- Gollmitzer, M. (2014). Precariously employed watchdogs? *Journalism Practice*, 8(6), 826–841. <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.882061>
- Goyanes, M., & Demeter, M. (2020). How the geographic diversity of editorial boards affects what is published in JCR-ranked communication journals. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(4), 1123–1148. <https://doi.org/10.1177/1077699020904169>
- Hanitzsch, T. (2019). Journalism studies still needs to fix Western bias. *Journalism*, 20(1), 214–217. <https://doi.org/10.1177/1464884918807353>
- Hanusch, F., & Vos, T. P. (2020). Charting the development of a field: A systematic review of comparative studies of journalism. *International Communication Gazette*, 82(4), 319–341. <https://doi.org/10.1177/1748048518822606>
- Holton, A. E., Bélair-Gagnon, V., Bossio, D., & Molyneux, L. (2023). "Not their fault, but their problem": Organizational responses to the online harassment of journalists. *Journalism Practice*, 17(4), 859–874. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1946417>
- Ivask, S., Waschková Císařová, L., & Lon, A. (2023). "When can I get angry?" Journalists' coping strategies and emotional management in hostile situations. *Journalism*, 25(10), 2099–2116. <https://doi.org/10.1177/14648849231199895>
- Jerónimo, P., & Torre, L. (2025). Local journalism in the digital age: A systematic review of a decade of research. *Texto Livre*, 18, 1–21. <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2025.59031en>
- Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2004). *Os elementos do jornalismo* (J. Fidalgo & M. Pinto, Eds.). Porto Editora. (Trabalho original publicado em 2003)
- Matthews, J., & Onyemaobi, K. (2020). Precarious professionalism: Journalism and the fragility of professional practice in the Global South. *Journalism Studies*, 21(13), 1836–1851. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1797524>

- Mesquita, M. (2003). *O quarto equívoco. O poder dos media na sociedade contemporânea*. Minerva.
- Miller, K. C. (2023). Hostility toward the press: A synthesis of terms, research, and future directions in examining harassment of journalists. *Digital Journalism*, 11(7), 1230–1249. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1991824>
- Miller, K. C., & Lewis, S. C. (2022). Journalists, harassment, and emotional labor: The case of women in on-air roles at US local television stations. *Journalism*, 23(1), 79–97. <https://doi.org/10.1177/1464884919899016>
- Miranda, J., Silveirinha, M. J., Sampaio-Dias, S., Dias, B., Garcez, B., & Noronha, M. (2023). “It comes with the job”: How journalists navigate experiences and perceptions of gendered online harassment. *International Journal of Communication*, 17, 5128–5148.
- Örnebring, H. (2018). Journalists thinking about precarity: Making sense of the “new normal”. *#ISOJ Journal*, 8(1), 109–127.
- Rick, J. (2025). Acutely precarious? Detecting objective precarity in journalism. *Digital Journalism*, 13, 542–561. <https://doi.org/10.1080/21670811.2023.2294995>
- Ricketson, M., Dodd, A., Zion, L., & Winarnita, M. (2020). “Like being shot in the face” or “I’m glad I’m out”: Journalists’ experiences of job loss in the Australian media industry 2012–2014. *Journalism Studies*, 21(1), 54–71. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2019.1627899>
- Singer, J. B. (2003). Who are these guys? The online challenge to the notion of journalistic professionalism. *Journalism*, 4(2), 139–163. <https://doi.org/10.1177/1464884903004002021>
- Slavtcheva-Petkova, V., Ramaprasad, J., Maheshwari, M., Weglinska, A., Konarska, K., Hoxha, A., Relly, J., Springer, N., Moreira, S. V., Visnovsky, J., & González de Bustamante, C. (2025). *Safety and work-related risks*. Worlds of Journalism. <https://www.worldsofjournalism.org/wp-content/uploads/WJS3-Report-Safety-and-Work-related-Risks.pdf>
- Sybert, J. (2023). Navigating precarity: Disruption and decline at the Pittsburgh Post-Gazette. *Journalism Practice*, 17(4), 737–754. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1939105>
- Wahl-Jorgensen, K., & Hanitzsch, T. (2009). *The handbook of journalism studies*. Routledge.
- Waisbord, S. (2022). Can journalists be safe in a violent world? *Journalism Practice*, 16(9), 1948–1954. <https://doi.org/10.1080/17512786.2022.2098524>
- Zelizer, B. (2012). On the shelf life of democracy in journalism scholarship. *Journalism*, 14(4), 459–473. <https://doi.org/10.1177/1464884912464179>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Rita Araújo é investigadora auxiliar no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, onde se doutorou em 2017. É *vice-chair* da secção de Health Communication da European Communication Research and Education Association e *associate editor* do *European Journal of Health Communication*. No Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, é coordenadora do Barómetro para a Qualidade da Informação. Foi professora auxiliar na Universidade Lusíada – Norte e no Instituto Politécnico de Bragança. Foi *visiting scholar* no New York City Food Policy Centre, CUNY School of Public Health — Hunter College, e foi investigadora do projecto europeu *HeaRT – Health Reporting Training Project*, financiado pela Comissão Europeia, e do projecto *A Doença em Notícia*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

É membro de várias associações científicas, como a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, European Communication Research and Education Association e International Communication Association, participando regularmente nos seus encontros. Desenvolve investigação nas áreas do jornalismo, jornalismo de saúde, comunicação de saúde, fontes de informação e literacia em saúde.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7124-6057>

Email: ritaaraujo@ics.uminho.pt

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal

Pedro Jerónimo é investigador auxiliar do LabCom, centro de investigação da Universidade da Beira Interior. É doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, no âmbito de um programa conjunto da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro. A sua investigação incide sobre os média regionais e o jornalismo de proximidade, jornalismo digital, desinformação e literacia mediática, áreas em que tem participado em diversos projetos nacionais e internacionais. Integra o comité editorial da revista *Digital Journalism* e atua como revisor e editor convidado de outras revistas científicas de referência. É ainda *co-chair* do Media Production Analysis Working Group da International Association for Media and Communication Research. Antes da carreira académica, foi jornalista na imprensa regional durante cerca de 10 anos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1900-5031>

Email: pj@ubi.pt

Morada: LabCom, Universidade da Beira Interior, Rua Marquês D'Ávila e Bolama, 6201-001 - Covilhã

Thomas Hanitzsch é professor de Comunicação no Departamento de Média e Comunicação da LMU Munich, do qual é também diretor. Ex-jornalista, o seu foco enquanto professor e investigador incide nas culturas globais do jornalismo, na transformação do jornalismo e metodologia comparativa. É membro e atual presidente da International Communication Association. Entre os seus livros mais recentes estão *Worlds of Journalism: Journalistic Cultures Around the Globe* (Mundos do Jornalismo: Culturas Jornalísticas em Todo o Mundo; Columbia University Press, 2019) e *Handbook of Journalism Studies: Second Edition* (Manual de Estudos de Jornalismo: Segunda Edição; Routledge, 2019). Hanitzsch lidera o projeto multinacional Worlds of Journalism, um projeto multinacional que faz o mapeamento das culturas e transformação do jornalismo em todo o mundo (<https://www.worldsofjournalism.org>).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7104-6300>

Email: thomas.hanitzsch@ifkw.lmu.de

Morada: Department of Media and Communication, LMU Munich, Oettingenstr. 67, 80538 Munich, Germany



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.